



## **RABISCOS NA COLÔNIA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA DOS ABRIGOS DO VIRADOR – RIO GRANDE DO SUL (BRASIL)<sup>1</sup>**

**Thais Gaia Schüler\***  
**Universidade FEEVALE**  
[thaisschuler@yahoo.com.br](mailto:thaisschuler@yahoo.com.br)

**Magna Lima Magalhães\*\***  
**Universidade FEEVALE**  
[magna@feevale.br](mailto:magna@feevale.br)

**RESUMO:** Os Abrigos do Virador consistem em um conjunto de três sítios arqueológicos sob-rocha localizados no Vale do Caí, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul (Brasil). O Virador I guarda um painel petroglífico descoberto e estudado pelo arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro e sua equipe em 1969, o qual inaugura os estudos de arte rupestre neste estado. Antes da descoberta dos sítios, entretanto, menções ao local já estavam presentes na etnologia alemã do final do século XIX e início do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** arqueologia - descoberta – petróglifos.

## **DOODLES IN THE COLONY: HISTORICAL BACKGROUND OF THE ARCHAEOLOGICAL DISCOVERY OF THE VIRADOR SHELTERS – RIO GRANDE DO SUL (BRAZIL)**

**ABSTRACT:** Virador's Shelters consists in a group of three archaeological sites under rock located in the Vale do Caí, in Rio Grande do Sul, South Brazil. Virador I holds a petroglyphic panel discovered and

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior através do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação - CAPES/PROSUC. Comunicação oral e texto preliminar divulgados sob o título "Um painel de obscuridades: a descoberta arqueológica dos abrigos do Virador". In: Seminário Internacional de Pós-Graduação - Inovamundi, 2019, Novo Hamburgo/RS. Anais do SPG - Seminário de Pós-Graduação. Novo Hamburgo/RS: Universidade Feevale, 2019. v. 12. p. 1552-1559.

\* Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação - CAPES/PROSUC.

\*\* Docente do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

studied by the archaeologist Pedro Augusto Mentz Ribeiro in 1969, which inaugurates the rock art studies in this state. Before that discovery, however, the site was mentioned by the German ethnology in the late 19<sup>th</sup> and early 20<sup>th</sup> centuries.

**KEYWORDS:** archeology - discovery - petroglyphs.

## INTRODUÇÃO

A cultura material é constitutiva da condição humana desde os primórdios do seu surgimento. Na definição de Bezerra de Meneses (1983), abrange todo o meio físico que é socialmente apropriado pelo ser humano, tudo aquilo que, de alguma forma, foi construído, produzido ou transformado pela ação humana.

Todos os grupos humanos e civilizações do mundo produziram cultura material através de processos que geraram estas manifestações. A produção ou a materialização de algo relaciona-se, antropologicamente, com a necessidade humana de perpetuação, de permanência, conciliando categorias como passado e presente (GONÇALVES, 2007). Dentre os mais antigos vestígios materiais humanos produzidos, está a arte rupestre, presente em diferentes formas e contextos em todos os continentes.

O desenvolvimento da arqueologia enquanto ciência social se propõe à interpretação de processos históricos e culturais a partir dos vários tipos de vestígios materiais deixados pelos seres humanos de grupos pretéritos. Mas a interpretação dos vestígios do passado não é exclusividade dos arqueólogos. Individual ou coletivamente, as sociedades vivas fazem interpretações acerca de materialidades de acordo com sua cosmovisão, constituindo-se este um recurso importante para a memória das sociedades vivas em diferentes períodos históricos (RIBEIRO, 2017).

Neste contexto, insere-se o presente estudo, vinculado à investigação desenvolvida no acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro<sup>2</sup> para o mestrado acadêmico em Processos e Manifestações Culturais. A consulta ao acervo, ocorrida entre 2018 e 2019, tinha foco na obtenção de dados acerca do sítio arqueológico RS-TQ-58 Afonso Garivaldino Ribeiro Rodrigues (localizado nas terras da localidade de Batinga Sul, município de Brochier, RS), considerado um dos sítios de datação de presença humana

---

<sup>2</sup> Acervo da Universidade Feevale, constituído pelo material de campo e de pesquisa do arqueólogo doado por sua família à Universidade após seu falecimento, ocorrido em 2006.

mais antiga do Rio Grande do Sul e foco da dissertação.<sup>3</sup> Em meio ao emaranhado de fotografias e anotações pessoais de Mentz Ribeiro sobre os estudos do Vale do Caí, identificou-se imagens e notas inéditas sobre os Abrigos do Virador. Assim, a concentração do presente artigo está nas indicações histórico-etnográficas que levaram o arqueólogo Mentz Ribeiro à descoberta do conjunto de sítios arqueológicos na localidade sul-rio-grandense do Virador. Foi elaborado seguindo o paradigma indiciário, trazido às Ciências Humanas por Carlo Ginzburg (1989), no que se refere à prática de rastreamento de sinais e indícios que permita o estabelecimento de vínculos e relações que não estejam, necessariamente, documentadas. Por esta abordagem, as evidências produzidas são analisadas de modo a confirmar ou não, uma proposição prévia, sem que se caia em uma generalização infundada.

O método em questão tem uma forte base na experiência e na observação, destacando particularidades e detalhes. Como fontes, tomamos a análise e a leitura intensiva dos diários de campo e publicações de Pedro Augusto Mentz Ribeiro sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do Caí, partindo então para os registros históricos e etnográficos desenvolvidos por estudiosos alemães no final do século XIX e início do século XX relacionados à localidade de Virador.

## OS ABRIGOS DO VIRADOR

Os Abrigos do Virador<sup>4</sup>, descobertos há 50 anos (1969) no interior da região do Vale do Caí no Rio Grande do Sul, localizam-se no município de São Sebastião do Caí, na divida geográfica com o município de Capela de Santana (Mapa 1). Consiste em um conjunto de três abrigos sob-rocha considerados importantes achados arqueológicos do estado do Rio Grande do Sul.

---

<sup>3</sup> SCHÜLER, Thais Gaia. **As coisas, as pessoas e o lugar**: estudo das memórias da comunidade de Batinga Sul a partir de vestígios arqueológicos. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais). Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Católica Feevale. Novo Hamburgo, 2019.

<sup>4</sup> Coordenadas 29°35'30" latitude sul e 51°26'33" longitude oeste.

**Mapa 1.** Localização dos Abrigos do Virador no contexto do Rio Grande do Sul e do Vale do Caí (Brasil)

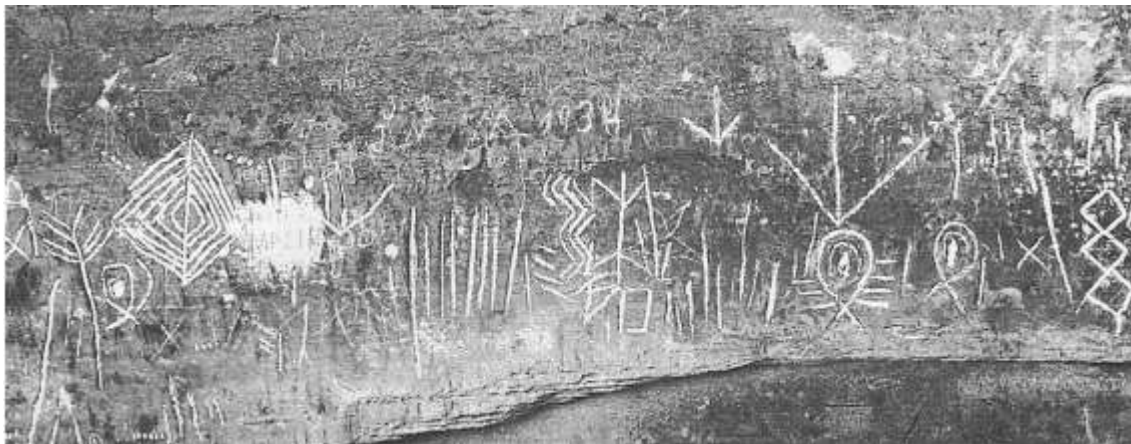


**Fonte:** elaboração própria a partir de Google Earth (2019)

No abrigo do Virador I (RS-C-12), estão gravados na rocha arenítica o maior conjunto de petróglifos<sup>5</sup> do Vale do Caí e um dos maiores do estado, medindo cerca de 25 metros de comprimento por 1,5 metros de altura (Figura 1).

<sup>5</sup> Petróglifos são gravuras esculpidas em baixo relevo em paredes rochosas de arenito ou basalto, criadas por raspagem ou picoteamento.

**Figura 1.** Painel do Virador I na ocasião de sua descoberta, em 1969



**Fonte:** Acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro – Universidade Feevale

A autoria desse conjunto rupestre é atribuída a grupos caçadores-coletores de tradição tecnológica Umbu, provenientes do sul do continente americano, da região da Patagônia (RIBEIRO, 1974), que teriam emigrado no período correspondente à transição do Pleistoceno para o Holoceno. Trata-se de grupos humanos culturalmente associados às populações pioneiras do extremo meridional da América (tradição Itaparica), cujas datações são anteriores ou mesmo contemporâneas ao Horizonte Clóvis da América do Norte (BUENO e DIAS, 2015). A tradição tecnológica Umbu é considerada a mais antiga presença humana nas terras do Sul do Brasil, remontando, em algumas regiões, há até doze mil anos AP.<sup>6</sup> Para o Vale do Caí, os arqueólogos aceitam que os primeiros assentamentos humanos tenham ocorrido há aproximadamente onze mil anos AP.<sup>7</sup>

Anterior a este período, há indicativo de uma condição climática extremamente fria e seca na região do Vale do Caí (DIAS e NEUBAUER, 2010), com temperaturas entre 5° e 7° mais baixas que atualmente, e predomínio de uma vegetação herbácea e pradarias (DIAS e NEUBAUER, 2010). No início do Holoceno, por volta de doze mil anos AP, o clima foi se estabilizando mais quente e úmido, sem profunda alternância sazonal, gerando um “ótimo climático” que favoreceu a expansão da floresta subtropical de mata atlântica (BISSA, DIAS e CATHARINO, 2009). A partir de então, a região, cujo

---

<sup>6</sup> Antes do presente.

<sup>7</sup> Datação estabelecida com base na datação radiocarbônica de amostras coletadas em sítios da região como os Abrigos do Virador, o Sítio RS-TQ-58 Afonso Garivaldino Rodrigues, localizado no município de Brochier e o RS-C-61 Adelar Pilger, localizado em Harmonia e o RS-C-14 Bom Jardim Velho, em São Sebastião do Caí.

clima contrastava com o frio do Pampa Argentino e com a seca do Planalto Brasileiro (BUENO e DIAS, 2015), passou a ser ocupada por grupos com subsistência baseada na caça e na coleta, provenientes da Bacia do Rio do Prata (SCHMITZ, 1991).

A análise do painel petroglífico do Virador I, realizada por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, foi o primeiro estudo de arte rupestre desenvolvido no Rio Grande do Sul (LIMA, 2005), o qual ganhou ampliação nos anos seguintes pela identificação de outros sítios com ocorrência de petróglifos na região de entorno, a exemplo dos sítios de Bom Jardim Velho (RS-C-14), Macaco Branco (RS-C-39), Conceição I (RS-C-42) e Morro do Sobrado (RS-T-14).

A escavação dos três sítios do Virador, ocorrida entre 1969 e 1970, revelou a ocorrência de material lítico (raspadores, talhadores, mão-de-pilão, batedores), fogões, restos de alimentação, fragmentos cerâmicos atribuídos a grupos de tradição tecnológica Taquara, além de nove sepultamentos. As evidências arqueológicas relacionadas à tradição tecnológica Taquara são associadas a grupos proto-Jê Meridionais, grupos humanos de uma segunda leva migratória humana, então proveniente do Planalto Central do Brasil.

Ceramistas e horticultores de matriz Jê são referenciados por alguns autores como Jês do Sul ou Proto-Jês e são associados, nos estudos etnológicos, aos Kaingang e aos Xokleng (SCHMITZ, 1991). Esta matriz cultural ocupou três ambientes distintos do Rio Grande do Sul: a planície litorânea, próximo a lagoas e restingas; a região do planalto (com campos e araucárias); e a encosta do planalto e os vales florestados, na qual se insere a região de estudo. Embora o estudo dos grupos de matriz Jê ganhe destaque pelo sistema de assentamento que desenvolveram nas regiões de maior altitude do estado, onde estabeleceram construções que envolviam engenharia de terra, como casas subterrâneas e montículos funerários (BEBER, 2004), na região dos vales, o padrão de assentamento desses grupos caracterizou-se de forma distinta, marcado pela prática de uma economia mista que combinava caça, pesca, coleta e agricultura de roça (IRIARTE *et al*, 2014).

## **A DESCOBERTA DE MENTZ RIBEIRO**

Mentz Ribeiro (1937-2006) foi um dos mais importantes arqueólogos do estado do Rio Grande do Sul. Iniciou suas pesquisas vinculado ao Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (IAP/UNISINOS, em São

Leopoldo), tendo, posteriormente, vínculo com o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL/Taquara), o Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEPA/UNISC, em Santa Cruz do Sul), e com o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Arqueologia e Antropologia da Universidade Federal de Rio Grande (LEPAN/FURG, em Rio Grande).

Fez parte da segunda geração de arqueólogos profissionais do estado, realizando pesquisas em campo no âmbito do Programa Nacional de Arqueologia (PRONAPA) a partir de 1966. Atuou, ainda, em outras regiões do Brasil e da América Latina, destacando-se o “Projeto Roraima” de salvamento arqueológico, desenvolvido em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém, PA) entre 1985 e 1987.

No início de sua carreira, começou a realizar incursões pelo Vale do Rio Caí, no Rio Grande do Sul, trabalho que vinha sendo realizado pelos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz e Eurico Müller desde 1965. O diário de campo (Volume 1: 1966-1969) indica que Mentz Ribeiro esteve pela primeira vez no Virador I em 15 de junho de 1969 por intermédio do ex-proprietário das terras, Feliciano da Silva Koch e do então proprietário, João Honório da Silva.

Embora os diários de campo de Pedro Augusto Mentz Ribeiro não indiquem um conhecimento prévio sobre o Virador, em publicação de 1975, o arqueólogo, então pesquisador do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), introduz as pistas que levaram sua equipe à identificação do abrigo do Virador I:

Os petróglifos do RS-C-12: Virador I, foram encontrados por nós em junho de 1969; logo após fizemos uma exploração do morro e arredores e encontramos os demais abrigos. As primeiras informações vieram de Florianópolis, estado de Santa Catarina, do arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr, S.J. consultando bibliografia para comparação dos petróglifos da Ilha de Santa Catarina, encontrou o livro “*Sudamerikanische Felszeichnungen*”, do Dr. Theodor Koch-Grünberg, editado em Berlim no ano de 1907. Neste havia uma reprodução parcial dos petróglifos do Virador bem como alguns dados sobre os mesmos. Conseguira os dados de um patrício seu que passara pela região em 1888, mas que não precisara bem sua localização (RIBEIRO, 1975, p.03).

O trabalho inicial no Virador envolveu o registro fotográfico dos petróglifos e da paisagem do entorno (Figura 2), seguida da cópia das figuras em tamanho real utilizando papel de seda, giz e pincel atômico.

**Figura 2.** Mentz Ribeiro fotografado os petróglifos do Virador 1 (1969)



**Fonte:** Acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro – Universidade Feevale

Os registros dos dias que seguem indicam o contato com moradores da região que o levam a outros locais, resultando na descoberta do sítio Conceição I<sup>8</sup>. Nestes registros, é relevante destacar a presença do Dr. Juan Schobinger (Figura 3), importante estudioso de arte rupestre do período que acompanhou o processo inicial de prospecção dos abrigos do Virador. Ainda nas primeiras semanas que seguem à identificação do Virador I são registrados detalhes acerca sobre negociações de compra de material arqueológico colecionado por pessoas de origem alemã da região, a exemplo das famílias de Werner Becker, Bruno Bühler e Germano Bender, intermediadas por Silvino Schneider, que atuava na Escola Normal do município de Ivoti (RS).

O material em questão é relacionado majoritariamente à tradição tecnológica Guarani e envolvia urnas, panelas, tembetás e mãos-de-pilão, sendo também mencionadas pontas de projéteis associadas à tradição Umbu e alguns cacos de cerâmica Taquara.

Aos quatro dias de julho de 1969, acompanhado do Dr.Schobinger, Mentz Ribeiro e sua equipe identificam, a partir do Virador I, uma caverna com restos humanos e faunísticos, à qual chamam de Virador II e mais adiante o Virador III, este último prospectado superficialmente.

---

<sup>8</sup> RS-C-42, então em propriedade de Tomé Conceição, encontrado e sondado aos vinte e um dias de junho de 1969.



Sobre o processo de estudo que ocorre nos meses que seguem, Pe.Rohr (Figura 3), Eurico Müller, José Brochado e outros arqueólogos de importância do período são mencionados como participantes dos trabalhos de campo no conjunto de sítios. A força de trabalho foi dada por diversos voluntários da região (Figura 4) e por familiares de Mentz Ribeiro, como sua esposa Catarina e seus filhos Osvaldo e Pedro Augusto (Figura 3).

**Figura 3.** Pe.Rohr (à esquerda) e Dr.Schobinger, com Guilherme Naue e os filhos de Mentz Ribeiro (à direita), no entorno do Virador I



**Fonte:** Acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro – Universidade Feevale

A visita de equipes jornalísticas, como o Jornal do Brasil, O Globo e a Revista Manchete (sucursais de Porto Alegre), e de figuras políticas locais, como o então Prefeito de São Sebastião do Caí, Heitor Selbach, são registros frequentes no diário de campo.

**Figura 4.** Escavação do Virador I, em 1970



Fonte: Acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro – Universidade Feevale

## DESCOBERTAS ANTERIORES

A região de inserção dos Abrigos do Virador foi, historicamente, ocupada por portugueses a partir das regiões dos Cais de Montenegro (Porto das Laranjeiras) e São Sebastião do Caí (Porto dos Guimarães), por volta de 1730, com o estabelecimento das primeiras estâncias. Portugueses e espanhóis utilizavam o Rio Caí para a navegação e para o comércio, incluindo, segundo Adriana Schmidt Dias (2009), a captura de indígenas desta região, nominada *Ibiá*.

Na década de 1850, as colônias alemãs do Vale dos Sinos são expandidas para esta região, estabelecendo núcleos de povoamento que encontram uma remanescente identitária muito forte até os dias de hoje, especialmente na área rural. Na década de 1880, o Cais do Porto de São Sebastião do Caí passa a ser a porta de entrada para a imigração italiana em direção ao Campo dos Bugres (atual município de Caxias do Sul), na região da Serra Gaúcha.

A primeira menção escrita ao abrigo do Virador I é atribuída ao relatório intitulado *Südbrasilianische höhlen und ruckstände der früheren bewohner*<sup>9</sup> publicado em 1892, na *Zeitschrift für Ethnologie*<sup>10</sup> de Berlim. À época, a localidade do Virador

<sup>9</sup> Tradução livre: “Cavernas do sul e vestígios dos habitantes anteriores.”

<sup>10</sup> Revista de Etnologia de Berlim, considerada a primeira revista de etnologia da Alemanha, fundada em 1869.

constituía parte da colônia alemã expandida a partir de São Leopoldo, no Vale dos Sinos, em direção ao Vale do Caí.

O autor do ensaio é August Kunert (1860-1939), então Pastor Evangélico da comunidade de Ferromeco<sup>11</sup> desde 1885, à época parte do município de São João do Monte Negro. O referido pastor era colecionador de artefatos arqueológicas e autor de textos e cartas sobre vestígios arqueológicos do Rio Grande do Sul sistematicamente publicadas na *Zeitschrift für Ethnologie* e, em outras revistas de etnologia da Alemanha. Muitos destes textos foram traduzidos e publicados pela Revista do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL).<sup>12</sup>

No texto *Südbrasilianische höhlen und rückstände der früheren bewohner*, ele apresenta o resultado de suas incursões por cavernas da região do Ferromeco que buscavam a compreensão das formas de vida dos habitantes nativos das terras.

A descrição do abrigo do Virador I realizada por Kunert (1892) parte das inscrições e figuras rupestres gravadas na grande rocha de arenito. O autor enfatiza que muitas delas eram obscenas e que estas eram gravadas com mais insistência que aquelas que representavam, em sua concepção, pinheiros e linhas em ziguezague, optando ele por reproduzir aquelas que não indicavam nenhuma obscenidade (Figura 5).

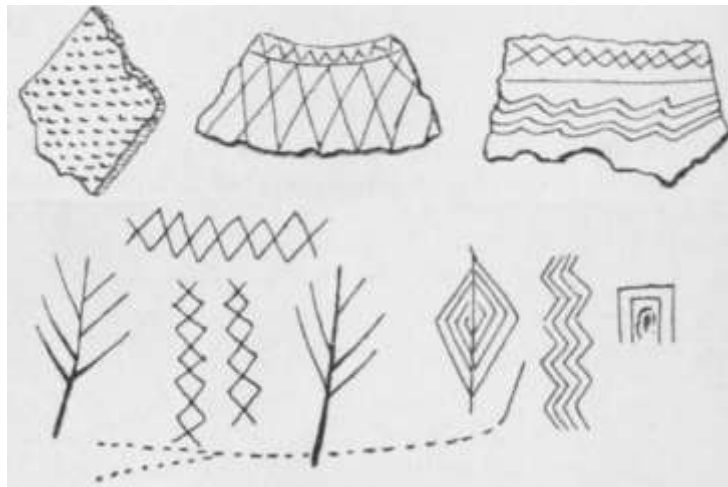
O relato em questão já mencionava que o painel rupestre apresentava a gravação de muitos nomes que remontavam há até cinquenta anos antes, ocasião do estabelecimento dos primeiros imigrantes alemães por ali. À presença dos europeus, o Pastor atribui o solo revirado do sítio estabelecendo uma relação com a caça de tesouros.

---

<sup>11</sup> Atualmente, município de São Vendelino (RS).

<sup>12</sup> Com tradução de Martin Norberto Dreher e revisão de Francisco Silva Noelli.

**Figura 5.** Cópia parcial dos petróglifos do Virador, publicada por Kunert em 1892



**Fonte:** Kunert, 1892

É registrada, ainda, a ocorrência de cacos de cerâmica com pintura em tonalidade de vermelho; de buracos para cozinhar e pedras arredondadas; restos de caracóis e mexilhões. De acordo com Kunert (1892), o guia que o conduziu ao local relatou ter encontrado no sítio um esqueleto humano trinta anos antes e que devido a isso o local despertava a curiosidade das pessoas. O relato, entretanto, não traz menção aos nomes de informantes ou de pessoas contatadas e tampouco precisa sua localização.

Sabemos que o contato estabelecido entre os imigrantes alemães e os nativos das terras da região dos Vales do Rio Grande do Sul foi cercado de um imaginário que circulava entre o medo e o encantamento. Estudos desenvolvidos por Juliana Bublitz (2008) estabelecem a imensa floresta subtropical, a *Urwald*, como um local a ser dominado por estes recém-chegados que há muito já viviam em áreas antropizadas. Os *wilden Menschen* (homens selvagens) como eram chamados os habitantes nativos, eram considerados pelos colonos como o próprio antagonismo ao mundo civilizado.

Ainda assim, o diálogo entre cientistas e relatos de viajantes e clérigos foi constante na formação do *corpus* etnográfico brasileiro do final do século XIX e início do século XX (WELPER, 2018), caracterizando um período de grande interesse pelas culturas nativas da América por parte dos europeus. Segundo Johnni Langer (1996), este interesse tem relação com a descoberta arqueológica de diversas “cidades perdidas”<sup>13</sup> na América do Sul e central durante a primeira metade do século XIX.

<sup>13</sup> A exemplo de *Chichen-Itza* (México), descoberta em 1838.

A tendência dos estudiosos europeus do período era de estabelecer uma associação entre estes grandes achados e as populações antigas da historiografia europeia, como fenícios, egípcios e gregos. Misturando mito e imaginário popular, a busca por vestígios de ocupação humana anterior à colonização europeia no Brasil tinha uma base fantástica, mas com forte cunho ideológico e político voltado à formação de uma identidade nacional aos moldes das civilizações europeias, o que levou à fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) em 1838.

A menção seguinte ao Virador I é dada pela *Völkerkunde*<sup>14</sup> (etnologia) alemã, através de Theodor Koch-Grünberg (Figura 6), popularizado por seus estudos acerca da arte rupestre da região do Xingu (no norte do Brasil). Koch-Grünberg (1872-1924) foi um importante explorador e etnólogo alemão que concentrou seus estudos nos povos indígenas da América do Sul, fazendo incursões à região da Amazônia em 1898, 1903, 1910 e 1924 (FRANK, 2005).

**Figura 6.** Representação dos petróglifos do Virador de 1907, atribuída a Wilhelm von den Steinen



Fonte: Koch-Grünberg, 1907

À ocasião da publicação de *Sudamerikanische Felszeichnungen* (traduzida no Brasil como “Petróglifos Sul-Americanos”), era vinculado ao Museu Etnológico de Berlim. No texto em questão, o etnólogo faz referência à região do Virador por intermédio do pintor Wilhelm von den Steinen:

O lugar se chama Virador e constitui-se de uma rocha de arenito fortemente inclinada, localizada no cume de uma elevação de gramíneas, a qual se distingue gradativamente do campo plano. A julgar pelas numerosas ranhuras retas que de ponta a ponta recobrem a parte inferior da parede rochosa, parece que aqui às vezes os índios acampavam e amolavam seus instrumentos de pedra. Logo ao lado,

<sup>14</sup> Projeto científico adotado e defendido pelos fundadores e representantes (acadêmicos ou não) da ciência etnológica ao longo de mais de meio século (1870-1930) na Alemanha.

encontram-se figuras soltas, de motivos geométricos, que podem ter-se originado de interligações casuais ou até mesmo intencionais de tais afiadores. Esse teto rochoso natural até hoje oferece abrigo contra vento e chuva a homens e ao gado (KOCH-GRÜNBERG, 1907, p.45).

Segundo Peter Vogel (1893), Wilhelm von den Steinen teria visitado a região das colônias alemãs do Rio Grande do Sul em 1888 integrando a expedição de seu primo Karl von den Steinen, o qual era orientador de Koch-Grünberg no Museu Etnológico de Berlim.

## **SOBRE O ATO DE DESCOBERTA**

Estudos sobre o ato de descoberta na arqueologia vêm sendo desenvolvidos a partir do início da década de 1990 por Matt Edgeworth (1990), concentrando-se em como o conhecimento sobre o passado é produzido e reproduzido. A partir dos anos 2000, as pesquisas de Gavin Lucas (2001) e Cornelius Holtorf (2005) somam-se aos estudos de Edgeworth, propondo que a arqueologia não é uma observação desinteressada, mas um encontro com a transformação de objetos materiais (BISINELLA, 2012).

No Brasil, e mais precisamente no Rio Grande do Sul, arqueologia se consolida a partir do Programa Nacional de Arqueologia (PRONAPA) na década de 1960. Mentz Ribeiro, juntamente com o Pe. Pedro Ignácio Schmitz e Eurico Müller, são considerados os precursores da arqueologia do estado, cujas abordagens teóricas e metodológicas ainda são refletidas nos estudos arqueológicos contemporâneos (BISINELLA, 2012).

O PRONAPA foi desenvolvido no Brasil na década de 1960, a partir da formação dos primeiros arqueólogos brasileiros, resultado do Congresso Internacional de Americanistas ocorrido em São Paulo em 1954. Até então, os trabalhos de arqueologia no país eram desenvolvidos por estrangeiros auxiliados por pesquisadores amadores brasileiros. Na ocasião, discutida a questão da cientificidade da pesquisa arqueológica no país, arqueólogos franceses (Joseph e Anette Laming Emperaire do Museu do Homem de Paris) e americanos (Wesley Hurt da Indiana University e Clifford Evans e Betty Megers, da Fundação Smithsonian de Washington) foram convidados a atuar na formação dos primeiros arqueólogos profissionais do país. Dentre os primeiros arqueólogos formados no Brasil, estão Niède Guidon, Pedro Ignacio Schmitz, João Alfredo Rohr e José Proença Brochado.

Seguindo os objetivos do modelo proposto pelo PRONAPA, que se preocupava em estabelecer filiações culturais entre sítios e regiões pelo enquadramento dos vestígios, Carolina Bisinella (2012) entende que o ato da descoberta, neste contexto, era representado de maneira descritiva como uma ação objetiva, científica, e impessoal, possível pelo reconhecimento de padrões não naturais que são facilmente identificáveis pelos especialistas: os arqueólogos. A intenção era de uma escrita pretensamente científica que não demonstrasse qualquer sentimento ou envolvimento emocional com as fontes (interlocutores) e objetos de estudos, como uma tentativa de distanciamento das ações amadoras e instintivas de aventureiros e oportunistas que eram comuns em períodos anteriores.

Desta forma, segundo a autora, o ato da descoberta em si é quase uma incógnita, pois dificilmente são expostas as fontes, os interlocutores ou as sensações que envolveram este processo, gerando o que ela classifica como uma metáfora do registro. Segundo Matt Edgeworth (*apud* BISINELLA, 2012), o termo metáforas do registro refere-se aos arqueólogos que encaram a cultura material como registro físico dos fatos do passado de forma empirista, considerando os fatos como coisas que são contidas ou transcritas do registro material independentemente de qualquer contribuição subjetiva ou cultural dos agentes da descoberta. Refere-se à negligência do papel ativo dos agentes da descoberta e de suas habilidades culturalmente adquiridas que os capacita a constituir objetos materiais ou padrões como fatos a serem inscritos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta de um local de interesse arqueológico não é um fato isolado em si, tampouco desprovido de subjetividade. A forma como é narrado e a própria interpretação dos vestígios nele encontrados fazem parte de um contexto histórico e historiográfico marcado por diferentes influências.

No caso dos Abrigos do Virador, estes são objeto da curiosidade da comunidade local, através do Virador I, desde os primeiros anos da colonização alemã. Interpretados como um local de possível ocorrência de tesouros escondidos, os colonos inscreviam no grande paredão arenítico seus nomes e datas, demonstrando uma tentativa perpetuação.

No contexto do PRONAPA o conjunto de três sítios do Virador são descobertos em junho de 1969 pela equipe do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Identificando

primeiro o grande conjunto petroglífico do Virador I, seguido dos abrigos do Virador II e Virador III, a escavação e interpretação destes vestígios arqueológicos inauguram os estudos de arte rupestre no Rio Grande do Sul e serviram de base para o estabelecimento de um modelo interpretativo remanescente na arqueologia contemporânea.

Foi no contexto da colonização alemã que ocorreram os primeiros registros acadêmicos acerca do local. Remontando a 1892, temos o registro e a interpretação do clérigo August Kunert publicada na *Zeitschrift für Ethnologie* de Berlim. Esta interpretação, por sua vez, vem carregada da religiosidade de seu autor, que inclusive limita a reprodução dos petróglifos, evitando obscenidades.

O estudo seguinte, datado de 1907, foi também proveniente do contexto colonizatório alemão, mas relacionado à *Völkerkunde* alemã. É elaborado dentro de um contexto amplo de estudo da arte rupestre brasileira e sul-americana, relacionado às incursões de Theodor Koch-Grünberg, então vinculado ao Museu de Etnologia de Berlim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEBER, Marcus Vinícius. **O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro**: o caso da Tradição Taquara-Itararé. 2004. 289 f. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2004.

BISINELLA, Carolina Aveline Deitos Rosa. **Por uma arqueologia fenomenológica**: Experiências múltiplas em um lugar (sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra/RS). 2012. 252f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do SUL (PUCRS). Porto Alegre, 2012.

BISSA, Walter Mareschi; DIAS, Adriana Schimdt; CATHARINO, Eduardo Luis Martins. Reconstituição paleoclimática do vale do Rio Caí, nordeste do Rio Grande do Sul, com ênfase nas ocupações humanas. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.19, 2009. P.143-154.

BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. In: **Ambiente & Sociedade**, v.XI, n.2, 2008. P.323-340. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2008000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2008000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acessado em 25 de junho de 2018.

BUENO, Lucas. DIAS, Adriana Schmidt. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. In: **Estudos Avançados**, v.29, n83, 2015. P.119-



147. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/7923>>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

DIAS, Adriana Schmidt. NEUBAUER, Fernanda. Um Estudo Contextual da Organização Tecnológica do Sítio RS-C-61: Adelar Pilger (Rio Grande do Sul, Brasil). In: **Revista de Arqueología: Cazadores Recolectores del Cono Sur**, 2010, n. 4. P.187-206.

DIAS, Adriana Schmidt. **Relatório Final do Projeto Arqueológico do Vale do Caí (PACA)**. Porto Alegre: IPHAN, 2009 (disponível somente para consulta local).

EDGEWORTH, M. Analogy as practical reason: the perception of objects in excavation practice. In: *Arch. Rev. Camb.*, 1990, v.9, n.2. P. 243–251.

FRANK, Erwin. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2005, v. 48, nº 2. P.559-584.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-180.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios – Coleção Museu, Memória e Cidadania – Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.**

HOLTORF, C. **From Stonehenge to Las Vegas: Archaeology as Popular Culture**. Walnut Creek: Altamira Press, 2005.

IRIARTE, José; DEBLASIS, Paulo; MAYLE, Frank; CORTELETTI, Rafael; FRADLEY, Michael; CARDENAS, Macarena Lucia; SOUZA, Jonas Gregório de. Paisagens Jê Meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o holoceno tardio. In: **Cadernos do LEPAARQ** (UFPEL), v. 11, p. 241-253, 2014.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Petróglifos Sul-Americanos**. Berlim (ALE): Ernst Wasmuth S/A, 1907. Disponível em <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/0AL00008.pdf>>. Acesso em 28 de maio de 2019. P.46.

KUNERT, August. Südbrasilianische höhlen und rückstände der früheren bewohner. In: **Zeitschrift für Ethnologie** [Revista de Etnologia]. Berlim (ALE), 1892. Vol XXIV, p. 502-504. Disponível em <<https://archive.org/details/zeitschriftfre24berl/page/502>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

LANGER, Johnni. **Arqueologia do irreal: as cidades imaginárias do Brasil**. 1996. 170f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná UFPR). Curitiba, 1996.

LIMA, Taís Vargas de. **Estudo das representações rupestres do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2005. 163 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LUCAS, G. **Destruction and the rhetoric of excavation**. In: [Norwegian Archaeological Review](#) Journal, 2001, v.34, n.01. P.35-46.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. In: **Revista de História**. Universidade de São Paulo, n.115, 1983. Disponível em <<http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/61796>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

RIBEIRO, Ana Costa. Escrita, Memória e Paisagem. In: **Revista Escrita**, n.23. Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Os abrigos sob rocha do Virador no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista do CEPA**, n. 2. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1975. P.1-25

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Primeiras Datações pelo Método do C-14 para o Vale do Caí, RS. In: **Revista do CEPA**, n.1. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1974. P. 16-22.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré-História do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas (UNISINOS), 1991.

VOGEL, Peter. Reisen in Mato Grosso 1887/88 (Zweite Schingu-Expedition). (Hierzu Tafel 3 und 4). In: **Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin**, vol. XXVIII. D. Reimer, Berlin (ALE), 1893. Tradução de KRÄHENBÜHL, Maria Alvina. In: **Albuquerque: Revista de História**, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 173-205, jan./jun. 2010.

WELPER, Elena. Etnografia e ficção nos relatos de viagens para a América do Sul publicados na revista Globus (1862- 1910). In: **Indiana**, v.35, n.1, 2018, p.191-204. Disponível em <<http://dx.doi.org/https://doi.org/10.18441/ind.v35i1.191-204>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

**RECEBIDO EM: 23/03/2020**

**PARECER DADO EM: 30/07/2020**